



O MEGALITISMO DA REGIÃO DE CASTELO BRANCO NA OBRA DE FRANCISCO TAVARES DE PROENÇA JÚNIOR E TRABALHOS POSTERIORES¹

Francisco Henriques, arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT)

João Carlos Caninas, arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo, coordenador do Projecto de Investigação “Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português” (ALTEJO)

As primeiras referências a monumentos megalíticos na região de Castelo Branco surgem no alvor da Época Moderna. É o caso da menção a uma «anta velha» no Tombo da Comenda do Rosmaninhal de 1505, como marca do termo da Ordem de Cristo (HORMIGO, 1998; CHAMBINO, 2000)².

Mas é no século XIX que os monumentos megalíticos desta região são apresentados num contexto científico por Sá Villela (VILLELA, 1876) e Pereira da Costa (COSTA, 1868). Cite-se, a propósito, a referência a três *menires* no concelho de Vila Velha de Ródão, em Fratel, Monte Fidalgo e Ribeira do Açafal, que se julga corresponderem a restos de antas.

Com Francisco Tavares de Proença Júnior surge o primeiro programa de investigação arqueológica no distrito de Castelo Branco – onde o estudo do megalitismo ocupa posição cimeira - baseado em prospecções extensivas, em escavações, na publicação³ das pesquisas efectuadas e sua divulgação em congressos internacionais, na edição de uma revista (*Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*) e na fundação de um museu, o Museu Municipal de Castelo Branco, mais tarde denominado Museu Francisco Tavares de Proença Júnior.

Os resultados das prospecções que efectuou no distrito de Castelo Branco, durante oito anos (1902-1910), estão sintetizadas na *Archeologia do Districto de Castello Branco* (PROENÇA JÚNIOR, 1910a). Esta primeira e única “carta arqueológica” distrital, até hoje publicada, inventaria 336 sítios e monumentos com importância

¹ Texto publicado no Catálogo da Exposição *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Instituto Português de Museus, Castelo Branco, 2004, p. 28-35, com algumas rectificações.

² “...E depois pela lomba que vai por cima da dita fonte que no termo de segura.... e depois direito a um marco que está numa anta velha...” (CHAMBINO, 2000: 111). Muitos monumentos megalíticos coincidem actualmente com o limite de duas ou mais propriedades.

³ Francisco Tavares de Proença foi autor de quase duas dezenas de trabalhos de índole arqueológica nos quais divulgou a arqueologia do distrito de Castelo Branco e a arqueologia portuguesa. Sobre megalitismo publicou cinco trabalhos (ver Bibliografia) e deixou inéditos cinco outros textos.

arqueológica e 2334 achados móveis, nomeadamente *machados de pedra*, machados de bronze, inscrições, moedas e outros vestígios.

No que concerne ao Neolítico – Calcolítico foram identificados 93 sítios e monumentos (28% do total), 1136 *machados de pedra* e três *facas de sílex* com a seguinte distribuição por concelhos.

**Distribuição de ocorrências arqueológicas
atribuíveis ao Neolítico-Calcolítico
por concelhos, segundo Proença Júnior, 1910a**

Concelho	Estações Neolíticas	Antas	Machados de Pedra
Belmonte	0	7	6
Castelo Branco	5	18	712
Covilhã	0	3	12
Fundão	1	5	54
Idanha-a-Nova	1	12	199
Oleiros	0	0	10
Penamacor	0	7	35
Proença-a-Nova	0	6	5
Sertã	0	4	9
Vila Velha Ródão	0	24	94
Vila de Rei	0	0	0
Total	7	86 ⁴	1136

Os municípios com maior número de monumentos e achados (*machados de pedra*) são os da campina (Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão), estruturados em médias e grandes propriedades, onde a intervenção de Tavares Proença terá sido mais assídua e duradoura.

Castelo Branco é o maior concelho do distrito e aquele onde recolheu maior número de *machados de pedra* embora comporte um número de antas inferior a Vila Velha de Ródão. Esta discrepância pode indicar um maior número de achados de superfície associados a *habitats* e a monumentos destruídos. Esta hipótese explicativa pode encontrar fundamento na cartografia fornecida por Albert Silbert (SILBERT, 1978) sobre a distribuição das terras cultivadas e das terras incultas no séc. XIX. De facto, as terras cultivadas têm naquele concelho larga representação.

À luz dos conhecimentos actuais, a representação que Tavares Proença (PROENÇA JÚNIOR, 1910^a) nos dá do megalitismo regional é verosímil ao revelar uma concentração de antas na região “mais alentejana” da Beira Baixa (as zonas Sul e Sudeste), permitindo inferir uma continuidade com o megalitismo alentejano e extremo. No entanto, detectam-se lacunas significativas naquela cartografia, dada a quase ausência de monumentos nas regiões do Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) e de Proença-a-Nova, onde investigações posteriores revelaram importantes concentrações de megálitos.

A primeira carta arqueológica distrital tem também um valor histórico inquestionável por ter memorizado monumentos entretanto desaparecidos.

⁴ Em 1905, no registo inédito intitulado «Antas portuguesas: collecção de apontamentos para um trabalho sobre o assumpto – Começado em 24 de Outubro de 1905», inventaria apenas 36 monumentos megalíticos nos concelhos de Vila Velha de Ródão (17), Castelo Branco (16) e Idanha-a-Nova (3) (PROENÇA JÚNIOR, 1905^a).

Nas publicações e nos documentos inéditos a que se teve acesso encontram-se referências à escavação de 14 monumentos megalíticos, onze dos quais situados no concelho de Castelo Branco, dois em Vila Velha de Ródão e um em Idanha-a-Nova. Mas, da leitura da *Archeologia do Districto de Castello Branco*⁵ pode concluir-se que escavou outros monumentos na necrópole megalítica de Sarnadas, em Vila Velha de Ródão, para além da anta da Urgueira e do túmulo 1 do Locriz.

A anta 1 da Manga (Escalos de Baixo) foi a primeira sepultura megalítica escavada por Tavares de Proença, em 4 de Abril de 1904. Seguiram-se, pouco dias depois, a anta 2 de Escalos de Baixo (6 de Abril de 1904) e a anta 1 do Ponsul (6 e 7 de Abril de 1904).

No mesmo ano, nos dias 7 e 8 de Agosto e 10 de Outubro, escava a anta da Urgueira (Vila Velha de Ródão), o único monumento cuja exploração foi objecto de publicação (PROENÇA JÚNIOR, 1909), embora tencionasse divulgar os resultados das escavações já efectuadas em monumentos similares. Do ponto de vista metodológico, esta monografia⁶ pode considerar-se inovadora e um marco na história da arqueologia portuguesa.



A anta da Urgueira (Vila Velha de Ródão) escavada por Tavares de Proença.
Fotografia tirada pelo próprio (arquivo da Família Abrunhosa)

⁵ “Atalaia – Sarnadas – Há a pequena distância d’esta localidade 14 ou talvez 16 antas quasi todas destruidas, algumas já exploradas por mim e ás quaes me referirei oportunamente com o desenvolvimento que merecem” (PROENÇA JÚNIOR, 1910a: 3).

⁶ O texto foi estruturado nas sete partes seguintes: I - História, onde contextualiza o monumento em vários períodos históricos até à época romana; II – indicações topográficas; III – descrição; IV – folk-lore, onde regista a perspectiva popular acerca destes monumentos; V – indicações stratigraphicas; VI – exploração; VII – espólio. Em alguns casos usou a fotografia para registar momentos do trabalho de escavação, que documenta o uso do crivo. Este procedimento, que tornou eficaz a recolha de pequenas peças, não está explicitado nos textos das publicações ou dos manuscritos.

De 1904 a 1906 desenvolveu uma ficha de campo para registo de monumentos megalíticos. Identificaram-se três versões desta ficha-memorando. A primeira (PROENÇA JÚNIOR, 1904), a mais simples, com data de 1904, integra um caderno de apontamentos de campo e ocupa um quarto da página de abertura. Os outros três quartos são ocupados com fichas-memorandos destinadas ao registo de *inscrições*, *sepulturas* e *vestígios de edificações*. Podia ser utilizada como auxiliar de memória no trabalho de campo. Esta ficha-memorando é constituída por nove itens⁷. A segunda versão data de 1905 (PROENÇA JÚNIOR, 1905a) e ocupa, no caderno de campo, a mesma posição relativa que a primeira. Está estruturada em vinte itens. Os primeiros sete respeitam à localização do monumento, os dez seguintes à estrutura e os últimos três referem-se à existência e distribuição de *fossetes* nos esteios ou no chapéu, à escavação e a notícias publicadas em jornais regionais.

A terceira ficha-memorando integra um manuscrito denominado *Questionário Arqueológico* (PROENÇA JÚNIOR, 1906b) e está datada de 22 de Agosto de 1906. Fazem parte deste documento um questionário relativo a vestígios proto-históricos e outro sobre vestígios pré-históricos, sendo totalmente dedicado aos monumentos megalíticos. O questionário contém 15 itens, alguns com subdivisões, e introduz novos tópicos como etnoarqueologia, geologia, geomorfologia e anotações que podem levar à identificação de *habitats*.

Em Agosto de 1906, Tavares de Proença apresenta em Vannes, no segundo Congresso Pré-histórico de França, o *Essai de Classification des Dolmens Portugais* (PROENÇA JÚNIOR, 1906a). Esta tipologia (ver quadro seguinte) foi registada num manuscrito datado de Junho de 1906 com o título *Antas do Districto de Castello Branco* (PROENÇA JÚNIOR, 1906c) que pouco difere do texto que foi publicado. Afirma o autor que “*podia ter utilizado qualquer das classificações utilizadas até hoje nas obras da especialidade. Notei contudo alem da insufficiencia a dificuldade de as aplicar sem alterações aos megalithos do nosso paiz. Baseando-me no criterio dos caracteres intrinsecos e extrinsecos d’ esses monumentos, creei uma classificação nova*”.

Classificação dos dolmens portugueses segundo Proença Jr, 1906c

Quanto à proporção	Tumulus Antas Antelas Antinhas	
Quanto à época	Préhistóricas	(Pedra) (Cobre) (Bronze)
Quanto às dimensões	Grandes	Tumulus
	Pequenas	Antelas
Quanto aos materiais	Calcário Granito Xisto Grés	
Quanto à aparência	Cobertas	Com mesa
	Descobertas	Sem mesa
Quanto à composição	Simples	Câmara
	Composta	Câmara e galeria

⁷ (“Comprimento da mesa? Largura da mesa? Comprimento e largura das outras pedras? Planta do monumento. Tem galeria? Há vestígios de exploração? Há fossetes ou signaes na mesa? Há vestígios romanos ou outros próximos? Orientação?”)

Quanto ao estado	Completas Incompletas
Quanto à forma da câmara	Circulares Poligonais
Quanto ao tipo	
Quanto à integridade	Intactos Profanados Vazios Destruídos
Quanto ao conteúdo	Guarnecido Violados Vazios
Quanto à orientação	Normais (N.E. – S.O.) Anormais

Admite Proença Júnior (1910a: VI) que a cobertura de alguns *tumuli* era constituída “*não com uma taça ou lage, mas de um verdadeiro madeiramento formado por pernadas d’ arvores e ramos ou matto, sobre o qual assentaria depois a camada de terra e pedras, que com o apodrecimento da madeira, foi parar dentro da camara deixando no alto da mamôa a depressão tão conhecida e que muitas vezes é attribuida talvez infundadamente a violação. Esta ideia já foi apresentada em França e esquecida depois sem a indispensavel discussão, não foi sequer ainda referida em Portugal*”.

Esta explicação merece ponderação, no caso dos monumentos construídos com xisto-grauvaque. De facto, entre os cerca de 300 monumentos inventariados no Sul do distrito, nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova, e ainda em Nisa, apenas se conhece uma sepultura com tampa (anta do Fateirão, Vila Velha de Ródão). Em diversos monumentos também se detectaram esteios com entalhes no topo superior que poderiam servir para encaixe de troncos destinados à sustentação de uma cobertura com as características atrás indicadas.

Em 1906, Tavares de Proença atribuiu os dólmenes portugueses à *prehistória* e à *protohistória (idade do cobre e bronze)*. A atribuição dos dolmens «à Civilização do Bronze» já havia sido defendida por Martins Sarmento e F. Simões. Em 1897, Leite de Vasconcelos defendera cronologia diferente, atribuindo estes monumentos ao período neolítico. Em Dezembro de 1907 escreve (PROENÇA JÚNIOR, 1907a): “*a mim me quer parecer que os monumentos megalithicos portugueses precisam ser divididos em gruppos quando d’elles se quizer fazer uma classificação ou uma distribuição relacionada principalmente com chronologia*”. Como adepto ferveroso do evolucionismo considera mais antigos “*os monumentos em cuja construção se reconheça uma menor porção de trabalho intellectual ou de estudo da parte dos constructores*”(PROENÇA JÚNIOR, 1906b).

Na *Archeologia do Districto de Castello Branco* e no manuscrito intitulado *Antas do Districto de Portalegre*, atribui as antas e os *tumuli* “*não ao periodo neolithico propriamente dito mas sim ao periodo chalcolithico (de transição da pedra para os metaes), ou até já aos primeiros tempos do bronze*” (PROENÇA JÚNIOR, 1910a: III).

Na resposta à questão “*porque não aparecem, geralmente, instrumentos metálicos nos monumentos megalíticos*” afirma que “*não os depositavam nas antas e a virtude de motivos de character meramente economico, por haver ainda poucos objectos metalicos e passarem por morte do individuo ao seu sucessor, como eu suponho?*” (PROENÇA JÚNIOR, 1910c:12).

Os *machados de pedra* polida⁸ assumem papel de destaque na colecção e na investigação de Francisco Tavares de Proença Jr. Consubstanciando esta valorização redige, em Fevereiro de 1908, o esboço de um artigo com o título *Instrumentos Polidos*, publicado mais tarde, em 1910, em *L' Homme Préhistorique* sob o título *Sur Les Instruments Portugais en Pierre Polie*.

Os seus manuscritos incluem uma folha solta (PROENÇA JÚNIOR, 19-?a), de agenda, datada de 4 de Novembro (Domingo), onde apresenta uma primeira «classificação de machados» e algumas breves explicações sobre o tema (quadro seguinte).

**Classificação dos machados de pedra
segundo Proença Júnior**

Serie	Genero	Especie	Periodo
A	Esboços	Em bruto Retocados	Neolithico
B	Machados novos	Parcialmente polidos Polidos	Neolithico
C	Machados servidos	Sachas	Neolithico
		Enchós Goivas	Chalcolithico
D	Utilizados como percutores		Chalcolithico ?
E	Percutores	Calhãos (?) Percutores p. ditos	Neol. e transição
		Percutores com sulco Machados percutores	Chalcolithico
F	Machados - percutores	Toscas Polidos	Chalcolithico

A exemplo do que fizera para os monumentos megalíticos, segue uma perspectiva evolucionista para explicar a diversidade e a especialização dos machados de pedra polida. Escreve numa folha solta "(894) - não se julgue em todo o caso que eu, considerando uma enchó um instrumento mais aperfeiçoado que um machado, e considerando-a portanto mais moderna do que os machados, não admito a fabricação e utilização de machados posteriormente à das enchós! Muito longe d' isso. Eu refiro-me apenas à prioridade do aproveitamento de uns instrumentos com relação a outros" (PROENÇA JÚNIOR, 19-?b).

Ainda sobre a cronologia daqueles instrumentos, afirma, na obra *Archeologia do Districto de Castelo Branco* (PROENÇA JÚNIOR, 1910a: III): "pois eu attribuo a maior parte dos instrumentos de pedra achados até hoje no districto de C. Branco (e em outros districtos como veremos brevemente) não ao periodo neolithico propriamente dito mas sim ao periodo chalcolithico (de transição da pedra para os metaes), ou até já aos primeiros tempos do bronze".

Porém, considera neolíticas as estações arqueológicas que fornecem "apenas armas de pedra polida" (PROENÇA JÚNIOR, 1910a: III).

Tavares de Proença nunca lidou bem com as cronologias que atribuiu aos monumentos megalíticos e aos instrumentos de pedra polida. Da leitura dos seus escritos transparece alguma insegurança na defesa das suas teses em oposição às que eram partilhadas pela generalidade dos arqueólogos portugueses da sua época.

⁸ Designação geral utilizada por Francisco Tavares de Proença para representar a variedade de instrumentos de pedra polida.

Para além dos aspectos já citados, no início deste texto, o programa de investigação desenvolvido por Tavares de Proença incluiu ensaios sobre tipologia e cronologia dos monumentos megalíticos, mas não formulou nenhuma teoria evolutiva do megalitismo, apoiada na variabilidade da arquitectura e dos espólios, na linha da arqueologia histórico-culturalista. A terminar, refira-se a ausência de referências a menires e a cromeleques nos trabalhos de Tavares de Proença.

Este notável labor, iniciado em 1902 quando era estudante de Direito em Coimbra, foi cedo atalhado pelo exílio e a morte prematura. O suposto envolvimento num atentado bombista na linha de Caminhos-de-Ferro das Beira Baixa, na zona de Fratel (Antunes, 2003), e a perseguição a que foi sujeito pelo Estado Republicano, que repudiava, pode explicar o seu desaparecimento súbito.

Um programa de investigação com a dimensão e diversidade expostas – onde estão presentes de forma explícita as questões metodológicas e éticas - não foi até hoje atingido por nenhum outro arqueólogo na região em apreço.

Com o desaparecimento de Tavares de Proença Júnior o megalitismo deixa de suscitar o interesse dos arqueólogos portugueses durante algumas dezenas de anos, embora tenha ocorrido a publicação dos resultados da escavação da Anta Grande de Medelím (PEREIRA, 1933), efectuada por Félix Alves Pereira nos primeiros anos do séc. XX.



Vista do lado Oeste da Anta Grande de Medelím (Idanha-a-Nova). Fotografia tirada por Tavares de Proença (arquivo da Família Abrunhosa)

O segundo programa de pesquisa do megalitismo do distrito de Castelo Branco foi desenvolvido em meados do séc. XX pelos arqueólogos alemães Georg e Vera Leisner, no âmbito da elaboração do *corpus* dos monumentos megalíticos da

Península Ibérica. O inventário relativo às Beiras foi publicado recentemente, a título póstumo, sob a coordenação de Philine Kalb (LEISNER & KALB, 1998).

A pesquisa empreendida pelos Leisner merece destaque pelo contributo que deu a um novo conhecimento do megalitismo desta região. De facto, tratou-se de um inventário extensivo (ver quadro seguinte), com tentativa de realocização dos monumentos antes inventariados, em suporte cartográfico adequado – o que faltou no trabalho de Tavares de Proença. Um dos aspectos inovadores desta pesquisa foi a revelação de uma densa e insuspeita mancha de megálitos no concelho de Proença-a-Nova.

Infelizmente, esta pesquisa, iniciada de forma adequada pela inventariação, não teve a necessária continuidade em acções de escavação e estudo de monumentos. Além disso, a informação disponível sobre as antas da região de Castelo Branco, à parte a sua identificação e localização, é muito escassa. De facto, são raros os monumentos que se apresentam com plantas (7% do total inventariado) e o espólio é também escasso e pouco diversificado. Apesar do avanço alcançado ao nível do inventário, a ausência de novas escavações não permitiu contrariar a “impressão” de se tratar de um grupo regional com um reduzido mobiliário funerário.

O inventário dos Leisner manteve em branco outra densa mancha de megálitos que viria a ser revelada mais tarde na área do Rosmaninhal (Idanha-a-Nova).

**Distribuição de antas por concelhos
segundo PROENÇA Jr, 1910a
e LEISNER & KALB, 1998**

Concelho	Tavares de Proença	Vera Leisner
Belmonte	7	8
Castelo Branco	18	19
Covilhã	3	4
Fundão	5	22
Idanha-a-Nova	12	40
Oleiros	0	0
Penamacor	7	4
Proença-a-Nova	6	95
Sertã	4	4
Vila Velha Ródão	24	29
Vila de Rei	0	0
Total	86	225

Do final dos anos 50 ao início dos anos 70 são publicados os resultados das escavações efectuadas por Octávio da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida em diversas antas do concelho de Idanha-a-Nova (ALMEIDA & FERREIRA, 1958, 1959, 1971). Uma dessas escavações revelou um monumento (anta da Granja de São Pedro) com muito interesse pelo facto de conter dois menires integrados no *tumulus*.

O terceiro programa de pesquisa sistemática do megalitismo do distrito de Castelo Branco tem vindo a ser desenvolvido, desde os anos 70, pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica - Associação de Estudos do Alto Tejo, no quadro de uma actualização permanente da cartografia arqueológica (HENRIQUES & Caninas, 1980, 1986; HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993, 1995) dos concelhos do Sul da

Beira Interior (Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova, Idanha-a-Nova e Castelo Branco)⁹.

Este labor foi fortemente impulsionado pela descoberta da arte rupestre do Vale do Tejo, um complexo mitográfico que se contextualiza com o megalitismo regional, sendo por esse facto considerada por alguns investigadores como uma “arte megalítica”.

A partir do final dos anos 80 promoveu-se a realização de escavações arqueológicas em povoados, com níveis de ocupação atribuíveis ao Neolítico-Calcolítico, e sepulturas megalíticas, nos concelhos de Vila Velha de Ródão e Idanha-a-Nova, na sequência dos convites dirigidos ao Prof. Doutor João Luis Cardoso (CARDOSO *et al.*, 1998), ao Dr. Carlos Tavares da Silva, à Dr^a Joaquina Soares (SOARES, 1988) e ao Dr. Fernando Augusto Pereira da Silva (SILVA, 1991). Na Beira Interior têm sido revelados novos pontos do povoamento neo-calcolítico por outros investigadores (OLIVEIRA, 1998, VILAÇA, 1991, 1993, 1995).

Noutro texto, incluído neste catálogo, assinado pelo Prof. Doutor João Luis Cardoso, apresenta-se uma síntese dos conhecimentos adquiridos com a escavação de diversas sepulturas megalíticas (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1995, 1997^a, 1997^b, 2000) situadas no concelho de Idanha-a-Nova (área de Rosmaninhal), com a participação dos signatários e no âmbito do programa de investigação da AEAT.

Bibliografia sobre Megalitismo, povoamento Neolítico-Calcolítico no distrito de Castelo Branco e outras referências

ALMEIDA, F. de & O. da Veiga FERREIRA (1956) – **Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidario igeditano (Idanha-a-Velha)**. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 66 (1-2), p. 103-108.

ALMEIDA, F. de & O. da Veiga FERREIRA (1958) – **Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha**. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 68 (3-4), p. 317-322.

ALMEIDA, F. de & O. da Veiga FERREIRA (1959) – **Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha**. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, p. 225-230.

ALMEIDA, F. de & O. da Veiga FERREIRA (1971) – **Um monumento pré-histórico na Granja da S. Pedro (Idanha-a-Velha)**. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. 1, p. 163-168.

ANTUNES, Catalina (2003), **Os Conspiradores do Distrito**, O Concelho de Vila Velha de Ródão, nº 248, Ano XXI, Lisboa, p. 11.

BATISTA, Joaquim (1983), **Subsídios para o Estudo do Megalitismo da Beira Baixa. A Anta da Urgueira**, O Arqueólogo Português, Série IV, 1, Lisboa, p. 89-102.

BAPTISTA, J. (1998) - **Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha**, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, 116p.

CANINAS, J.C. Pires & F. J. HENRIQUES (1985) - **Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa**, Actas das 1as. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.

CANINAS, J. C. & F. HENRIQUES (1986) - **O Megalitismo na Região Rodanense**, comunicação apresentada durante a "Visita à Região de Ródão organizada pelo Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário" (Vila Velha de Ródão, 24-25 Outubro), Lisboa, 6 p.

CANINAS, J.C. Pires & F. J. HENRIQUES (1987) - **Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa**, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa.

CARDOSO, J. L. (2001) – **Contributos recentes para o conhecimento da Pré-História recente do sul da Beira Interior**, *Discursos*, 3, Lisboa, p. 47-60.

⁹ Estas pesquisas têm sido autorizadas pelos organismos de tutela do património arqueológico, nomeadamente o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico e o Instituto Português de Arqueologia (IPA), no âmbito de projectos de investigação plurianuais, o último dos quais intitulado Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português (ALTEJO), com co-financiamento do IPA, de autarquias locais (Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova, Idanha-a-Nova e Castelo Branco) e do Instituto Português da Juventude.

- CARDOSO, J. L., M. V. GOMES, J. C. CANINAS & F. HENRIQUES (1995) - **O Menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova)**, Estudos Pré-Históricos, 3, revista do Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu, p. 5-17.
- CARDOSO, J. L., C. T. da SILVA, J. C. CANINAS & F. HENRIQUES (1998) - **A Ocupação Neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão)**, Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3/4, Ed. Colibri, Lisboa, p. 61-81.
- CARDOSO, J. L., J. C. CANINAS & F. HENRIQUES (1995) – **A anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)**. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 19-37.
- CARDOSO, J. L., J. C. CANINAS & F. HENRIQUES (1997a) – **A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)**. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5, p. 9-28.
- CARDOSO, J. L., J. C. CANINAS & F. HENRIQUES (1997b) – **Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional**. Actas do II Colóquio de Arqueologia Peninsular (Zamora, 1996), 2 (Neolítico Calcolítico y Bronce), Zaragoza, p. 207-215.
- CARDOSO, J. L., J. C. CANINAS & F. HENRIQUES (2000) – **Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado**, Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo (Monsaraz, 1996), Trabalhos de Arqueologia, 14, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, p. 195-214.
- CHAMBINO, Mário Lobato (2000) - **Rosmaninhal - Lembranças de um Tempo Cheio**, Associação de Estudos do Alto Tejo, Açafa, 3, Vila Velha de Ródão.
- COSTA, F.A. Pereira da (1868) - **Monumentos Prehistoricos - Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal**, Typ. da Acad. Real das Ciências.
- FERREIRA, O. da V. (1978) – **Subsídio para a Carta Arqueológica da Região Egitanense**, Setúbal Arqueológica, 4, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, Setúbal, p. 227-240.
- HENRIQUES, F. J. R. & J. C. P. CANINAS (1980) - **Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa**, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F. J. R. & J. C. P. CANINAS (1986) - **Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa**, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., J. C. CANINAS & J. L. CARDOSO (1999) - **Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação**, História, nova série, 18, p. 68-74, Lisboa.
- HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & Mário CHAMBINO (1993) - **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 3 (Idanha-a-Nova), Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, 299 p.
- HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & Mário CHAMBINO (1995a) - **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 2 (Castelo Branco), Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, 119 p.
- HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & Mário CHAMBINO (1995b) – **Rochas com covinhas na região do Alto Tejo Portugueses**, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35(4), Porto, p. 191-202.
- HORMIGO, J. J. M. (1998) - **Tombo da Comenda da Ordem de Cristo do Rosmaninhal de 1505**, Raia, 7, Castelo Branco, p. 9-14.
- KALB, P. (1990) – **Megalithgräber Zwischen Tejo und Douro**. Madrider Forschungen, 16, Berlin, p. 19-33.
- LEISNER, G. & V. LEISNER (1956-1965) – **Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen**, Walter de Gruyter, Berlin.
- LEISNER, V. & P. KALB (1998) – **Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen**, Walter de Gruyter, Berlin, 162 p.
- LEITÃO, M. (s/d) – **A Anta da Capa Rota (Castelo Branco)**, Estudos de Castelo Branco, nova série, 4, Castelo Branco, p. 5-15.
- NRIA (1979) - **Inventário dos Monumentos Dolmênicos do Concelho de Castelo Branco**, Preservação, 2, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, p. 14-16.
- OLIVEIRA, A. C. B. (1998) – **O povoado pré-histórico do Cabeço da Malhoeira (Benquerença, Penamacor)**, Actas do Colóquio “A Pré-História na Beira Interior”, Estudos Pré-Históricos, 6, Viseu, p. 243-257.
- PEREIRA, F. Alves (1933) - **A Pedra d' Anta ou um Monumento Megalítico na Beira-Baixa**, O Archeologo Português, 29, Lisboa, p. 49-75.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1904), **Apontamentos**, manuscrito inédito que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E10.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares (1905a) - **Antas portuguesas: collecção de apontamentos para um trabalho sobre o assumpto**, manuscrito inédito, datado de 28 de Junho, que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E17.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares (1905b) – **Caderno nº 1: monumentos megalithicos**, manuscrito inédito, datado de 28 de Junho, que integra a colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E4.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1906a) - **Essai de classification des dolmens portugais: notice adressée à la 2me session du Congres Préhistorique de France (Vannes, 1906)**, Typ. França Amado, Coimbra.

- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares (1906b) - **Questionario Archeologico**, manuscrito inédito, datado de 22 de Agosto, que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A9
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares (1906c) - **Antas do districto de Castello Branco**, manuscrito inédito que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E12.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares (1907a) - **A Proposito da Attribuição dos Dolmenes ao Periodo Metalico**, manuscrito inédito, datado de 14 de Dezembro, que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E11.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1907b) - **A Civilização Megalithica no Districto de Castello Branco: primeira contribuição para o seu estudo**, manuscrito inédito, datado de 12 de Setembro, que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A8.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1907c), **Indice nº 1 – Notações e Dados Iconográficos respeitantes às Antas do Districto de C. Branco**, manuscrito inédito que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-E2.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1908a), **Instrumentos Polidos**, manuscrito inédito que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A5(1-7).
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1908b) – **Sur les mégalithes portugais**, *Congres Préhistorique de France, Autun, 1907 – Compte rendu de la troisième session, Paris*, p. 510.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1909) - **Anta da Urqueira**, *Typographia Leiriense, Leiria*.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1910a) – **Archeologia do districto de Castello Branco: 1ª contribuição para o seu estudo**, *Typographia Leiriense*, 25 p.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1910b), **Sur les instruments portugais en pierre polie**, *L'Homme Préhistorique, Paris*.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1910c) - **Antas do Districto de Portalegre**, *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*, 1, Leiria, p. 3-16.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (19-?a), **Documento avulso. Algumas notas sobre machados, numa folha de agenda sem data, mas com assinatura**, manuscrito inédito que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A14.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (19-?b), **Documentos avulsos. Notas de arqueologia, sem data nem assinatura**, manuscrito inédito que integra a coleção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior com a cota CMFTPJ-A13.
- SANTOS, A. T. (2000) – **O Megalitismo da Área da Barragem Marechal Carmona (Concelho de Idanha-a-Nova): uma análise espacial**, in *Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular*, 3, Porto, p. 413-427.
- SANTOS, J. M. B. dos. (1982) – **Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Penamacor até ao Domínio Romano**, *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor, Penamacor*, p. 73-79.
- SILBERT, Albert (1978) – **Le Portugal Méditerranéen à la Fin de l' Ancien Régime, XVIII – Début du XIXº Siècle. Contribution à l' Histoire agraire comparée**, *Instituto Nacional de Investigação Científica*, 3 vols, Lisboa.
- SILVA, F. A. P. da (1991) – **Mamoã da Charneca das Canas (Fratel, Vila Velha de Ródão)**, edição da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, 23 p.
- SOARES, J. (1988) – **O Povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final / Calcolítico da Região de Ródão-Nisa. Notícia Preliminar**, *Alto Tejo*, 2, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, p. 3-6.
- SOUSA, Lucília (1991) – **Sete mamoas do Concelho de Idanha-a-Nova**, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa*, p. 183-199.
- VILAÇA, R. (1991) – **O povoado pré-histórico do Ramalhão (Penamacor). Resultados das escavações de 1988-1989**, *Conimbriga*, 28, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, p. 5-32.
- VILAÇA, R. (1993) – **A ocupação neocalcolítica do Monte do Frade (Penamacor)**, *Actas da 3º Reunião do Quaternário Ibérico, Coimbra*, p. 499-511.
- VILAÇA, R. (1995) – **Povoado pré-histórico do Monte do Trigo (Idanha-a-Nova)**, *Estudos Pré-Históricos*, 3, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu, p. 201-211.
- VILAÇA, R. (2000) – **Registos e Leituras da Pré-História Recente e da Proto-História Antiga da Beira Interior**, in *Pré-História Recente da Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Porto, p. 161-182.
- VILLELA, Sá (1876) - **Os Dolmens**, *Boletim Architectonico e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses*, 2ª série, vol.1, nº11, Lisboa, p.64-166.